

mundo



O porta-voz opositorista Freddy Guevara fala durante entrevista coletiva em Caracas

Oposição na Venezuela rompe boicote e vai disputar eleições

Grupo de partidos anti-Maduro disputará unido pleito regional em novembro

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Os principais partidos de oposição da Venezuela, reunidos num grupo batizado de G4, anunciaram, nesta terça-feira (31), que participarão das eleições regionais de 21 de novembro, quando o país escolherá novos governadores e prefeitos.

A decisão quebra um boicote a eleições por parte dos opositores que vinha desde 2017, quando o regime de Nicolás Maduro, em um pleito com várias irregularidades, impôs ao país uma Assembleia Constituinte, contra-posita à Assembleia Nacional. Em 2018, a reeleição de Maduro foi considerada ilegítima

pela oposição, que não participou da disputa. Na sequência, o líder da Assembleia Nacional, Juan Guaidó, se declarou presidente interino, alegando que havia um vazio de poder. A decisão de pôr fim ao boicote foi anunciada em entrevista coletiva, em Caracas, dos representantes do que agora se denomina Plataforma

Unitária. O grupo usará a sigla da MUD (Mesa de Unidade Democrática), coalizão antichavista que houve de 2009 a 2016, antes de proscreta pela ditadura. Foi nessa associação que a oposição obteve maioria na Assembleia em 2015. A nova coalizão tem até esta quarta (1º) para enviar os nomes de seus candidatos ao

CNE (Conselho Nacional de Eleições). Juan Guaidó, que tinha ressalvas à participação da oposição, por considerar que as condições “não são de eleição livre”, pediu aos demais que formassem uma chapa única nacionalmente. “Anunciamos participação nas eleições regionais e municipais, após um longo e difícil processo de deliberação interna”, disse Marianela Anzola, do partido Un Nuevo Tiempo. “Decidimos assim por causa da difícil situação que o país atravessa, pelo estado de urgência para encontrar soluções permanentes a nosso padecimento e pelo propósito de fortalecer a unidade.” Além do partido Un Nuevo Tiempo, integram o G4 as siglas Voluntad Popular, o Primero Justicia e a Ação Democrática. Na entrevista estavam também Tomás Guanipa (PJ) e Henry Ramos Allup (AD). Poucas horas depois desse anúncio, Maduro comentou a decisão da oposição, dizendo que ela é digna de aplausos e representa a abertura de um ciclo de estabilidade política. “Eu vou sentar em minha poltrona com pipoca, no dia 21 de novembro, para assistir a Guaidó votar”, declarou ele. “Pedimos três coisas: eleições livres, fim da usurpação e governo de transição. Era nosso desejo e achávamos que era inegociável. Agora, chegamos à conclusão de que essas coisas talvez não possam ocorrer todas de uma só vez, e que é preciso ir dialogando e fazendo a transformação aos poucos”, disse o ex-congressista Freddy Guevara, do VP, em outro evento mais cedo. Ele saiu recentemente do Helicóide, prisão destinada a presos políticos, em um “gesto de aproximação” da ditadura, no contexto das negociações que estão ocorrendo desde o mês passado, no México.

Guevara se juntará também a essas discussões na próxima sexta-feira (3), quando ocorre uma nova rodada de conversas entre oposição e ditadura, na Cidade do México, com mediação da Noruega. “Temos muitos motivos para descrever do diálogo, já nos frustramos no passado. Agora penso que não há outra opção possível, uma vez que saídas pela violência estão totalmente descartadas”, disse. O VP, como o resto do G4, queria que Maduro cedesse e antecipasse as eleições presidenciais de 2024, mas o chavismo deixou claro que não o fará. Enquanto a oposição luta pela libertação de mais presos políticos, por regras claras para as eleições, habilitação de líderes proscritos e justiça por abusos de direitos humanos, a ditadura busca que as sanções internacionais contra o país e seus altos funcionários sejam retiradas. Como contrapartida, o regime liberou presos como Guevara e afirmou que o novo CNE, que inclui dois membros não chavistas, atuará com liberdade. Também assegurou que as eleições terão observadores internacionais, o que não houve antes. Mesmo com a dura crise econômica e os fortes impactos da pandemia na Venezuela, além das sanções, o regime de Maduro conta ainda com uma militância firme e uma popularidade de 15%, segundo o instituto Datanalises. Apesar de mais de 80% da população querer mudanças, segundo o mesmo levantamento, há ainda um desgaste das principais lideranças da oposição, como Juan Guaidó (cuja popularidade é de apenas 25%). Mais de 70% dos venezuelanos ouvidos disseram crer que os partidos políticos atuam mais em interesse próprio do que pelo próprio país.

Sob pressão internacional, governo recicla ações contra desmate

Marianna Holanda e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Diante da pressão internacional contra a agenda ambiental do presidente Jair Bolsonaro, os ministros Ciro Nogueira (Casa Civil) e Joaquim Álvaro Pereira Leite (Meio Ambiente) tentaram rebater as críticas contra o governo com uma breve apresentação de ações de combate a queimadas e ao desmatamento ilegal na Amazônia. Apesar das diversas declarações antiambientais de Bolsonaro e do histórico de avanço do desmatamento, Ciro disse, nesta terça-feira (31), que a questão do meio ambiente é a “prioridade número um” desde sua chegada ao Palanito. Ciro e Leite estavam com o ministro da Justiça, Anderson Torres para anunciar “novo plano de atuação do governo federal no combate às queimadas”, mas a maioria das medidas já havia sido divulgada antes. Não foram permitidas perguntas dos jornalistas.

Ciro disse acreditar na “recuperação de imagem bastante expressiva a nível mundial”. “Principalmente num momento em que precisamos ter uma imagem muito positiva do nosso país, essas ações contribuirão para que a gente possa aumentar ainda mais a tendência de queda dos nossos índices de desmatamento e de queimadas”, declarou. O esforço dos ministros de rebater a imagem amplamente difundida de um governo descomprometido com a agenda de preservação vem um dia após Bolsonaro ter citado a “obsessão” do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, com o meio ambiente. Segundo Bolsonaro, essa “quase obsessão” de Biden pelo tema “atrapalha um pouquinho” o governo brasileiro. As declarações dos ministros também ocorreram no dia seguinte à divulgação, por entidades ligadas ao agronegócio, de um manifesto defendendo as instituições e o equilíbrio entre os Poderes — num

recado crítico a Bolsonaro. “Somos uma das maiores economias do planeta, um dos países mais importantes do mundo [...], e não nos podemos apresentar à comunidade das nações como uma sociedade permanentemente tensionada em crises intermináveis ou em risco de retrocessos e rupturas institucionais. O Brasil é muito maior e melhor do que a imagem que temos projetado ao mundo. Isso está nos custando caro e levará tempo para reverter”, afirma o manifesto divulgado. No texto, as entidades também afirmam que a agroindústria brasileira “tem história de sucesso reconhecida mundo afora, como resultado da inovação e da sustentabilidade que nos tornaram potência agroambiental global”. As principais ações listadas pelo ministro do Meio Ambiente já eram conhecidas. Leite citou a disponibilização de 6.000 brigadistas para combate aos desmatamentos, contratação de 700 novos servidores para fis-

calização do Ibama e do ICM-Bio e a entrega do primeiro de 15 caminhões-bombeiros. A contratação dos novos servidores havia sido anunciada pelo vice-presidente Hamilton Mourão em reunião do Conselho da Amazônia Legal na semana passada. O próprio Meio Ambiente comunicou, no último dia 18, a entrega do caminhão-bombeiro. “Essas ações contribuirão principalmente num momento em que precisamos ter uma imagem muito positiva do país”

Ciro Nogueira ministro da Casa Civil

Em julho, o Ministério da Justiça anunciou a Operação Guardiões do Bioma, com o apoio de mais 6.000 brigadistas. Segundo Leite, há hoje 3.200 homens em campo. “Vamos atuar de forma contida conforme orientação do presidente Bolsonaro para zerar o desmatamento ilegal anterior a 2030. O compromisso [assumido por Bolsonaro] era até 2030 perante o Acordo do Clima, mas o nosso é o máximo de esforços para atuar no combate ao desmatamento ilegal”, disse Leite. Ele também destacou que dados de medição do desmatamento de julho e agosto indicam tendência de redução em relação ao ano passado. “Em julho, tivemos queda em relação aos dados Deter [sistema do Impe], do ano passado para este, de 10%. E no mês de agosto, previamente, estamos com número de aproximadamente 30% de redução em relação ao ano passado.” Apesar disso, o Brasil liderou em 2020 o ranking mund-

dial de desmatamento, segundo relatório divulgado pelo World Resources Institute. O país concentrou mais de um terço da superfície de florestas virgens devastadas no planeta, cerca de 1,7 milhão de hectares, segundo o documento Global Forest Watch. Na Amazônia, o desmate cresceu cerca de 9,5% de agosto de 2019 a julho de 2020 em comparação com o período anterior. No total, foram derubados 11.088 km² de floresta nesse intervalo. Os dados consolidados do ano são os primeiros sob responsabilidade do governo Bolsonaro. Hamilton Mourão, que coordena o Conselho da Amazônia e vinha centralizando o combate às queimadas, não esteve no anúncio do plano. No último dia 24, ele anunciou que as ações das Forças Armadas para a preservação na Amazônia seriam estendidas até a segunda semana de outubro. Principal aposta no combate ao desmatamento, a ação não foi mencionada.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

我们的立场不在美国那边，而是与中国在一起

迪尔玛·罗塞夫
巴西前总统



人们对中国共产党存在误解。它是一个文明的政党，是中国整个文明传统的一部分。我认为中国非常务实。因此，中国并不打算干涉他国自主选择其社会、经济、政治和文化的组织方式。中国的关注点不同，视野也不同。 [全文]

INDEPENDÊNCIA, JUNTO COM A CHINA Na chamada do Guancha, ‘Nossa posição não é no lado americano, mas com a China; na última frase do texto original de Dilma, ‘Nosso lugar não é com os EUA. Nosso lugar é a independência, junto com a China’

Cinco anos depois, Dilma escreve sobre China e EUA no Guancha

O aniversário da queda de Dilma Rousseff repercutiu por jornais como o chileno La Tercera, que destacou “a misoginia no julgamento da ex-presidente do Brasil”, e o argentino Página/12, que ressaltou sua advertência para a tentativa de Jair Bolsonaro, de um “golpe dentro do golpe”. Também ecoou na região a invasão de seu apartamento no Rio, sob investigação. E Dilma surgiu no alto do home do chinês Guancha, o mesmo que publicou uma entrevista com Lula há dois me-

ses. É um artigo adaptado de texto seu para a Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, que reúne políticos e intelectuais de esquerda. No trecho citado na página inicial, “há incompreensão a respeito do PC chinês, que é um partido civilizador e parte de toda uma tradição civilizadora da China. Creio que a China é extremamente pragmática. Não está na mente da China interferir na forma com que as pessoas escolhem internamente sua organização social, econômica, política”.

SUBLEVAÇÃO No argentino La Nación, “Preocupação no Brasil com a ‘bolsonarização’ das polícias”. Logo abaixo, “Cresce o temor de que policiais radicalizados, seguidores do presidente de extrema direita, possam promover ruptura ou sublevação da ordem”.

ESPECTRO DE GOLPE No Financial Times, jornal em língua inglesa que segue com mais atenção a escalada, “as perspectivas para o próximo ano são cada vez mais sombrias”, com inflação, alta nos juros, seca e: “Atrás nas pesquisas, Bolsonaro ataca instituições democráticas, levantando espectro de golpe e assustando investidores internacionais”.

Venezuela Opposition to Run in Elections, Ending Boycott



TRÊS ANOS DEPOIS Na Bloomberg, na sexta (27), ‘Oposição da Venezuela concorrerá às eleições, encerrando boicote’ de três anos, com foto de Henrique Capriles, líder que vinha cobrando a decisão conjunta, antes das conversas com o governo